

Doc. de Oliver Stone sobre Lula ainda sem estreia



PÁGINA 4

Festival faz Curitiba respirar teatro



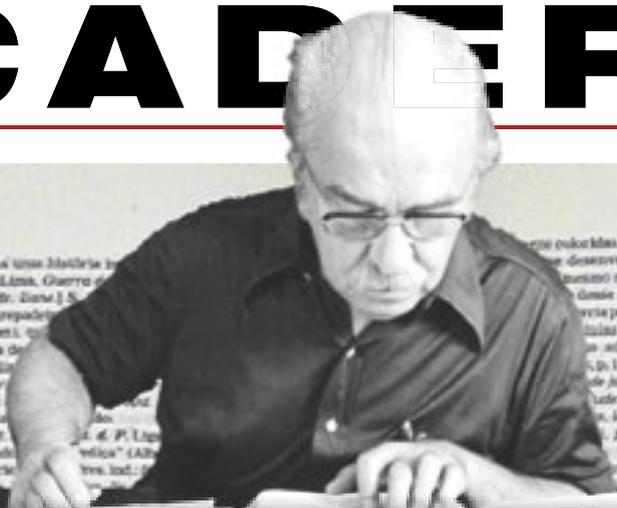
PÁGINA 7

Monólogo 'Sidarta' retoma temporada em palcos cariocas



PÁGINA 8

2º CADERNO



A ascensão e queda de um best-seller

Por Sérgio Rodrigues (Folhapress)

O Aurélio, que está completando meio século, não só virou sinônimo brasileiro de dicionário como carrega o orgulho de ter, nas suas variadas edições, vendido nada menos de 15 milhões de exemplares até o fim do contrato com a editora Nova Fronteira, em 2003. De modo geral, só a Bíblia atinge patamares assim.

No período desde então, porém - quase metade da sua vida -, o jogo mudou

Como o Aurélio se tornou sinônimo de dicionário nos 50 anos desde a publicação

por completo. O parabéns-pra-você entoado na festa dos 50 anos soa meio desenxabido diante da constatação de que os dias de glória passaram. Não é que o Aurélio, lexicográfica e editorialmente desafiado em 2001 pelo Houaiss, tenha perdido espaço. Todos perderam. O mundo é outro.

Aquele mundo em que

começaram a circular os 18 mil exemplares da tiragem inicial do "Novo Dicionário da Língua Portuguesa", do lexicógrafo alagoano Aurélio Buarque de Holanda Ferreira, aguardava ansiosamente sua chegada. Notas periódicas na imprensa vinham atizando expectativas pelo título de 1.536 páginas e 120 mil verbetes. Era março de

1975, início do ano letivo.

A festa de lançamento, na livraria ipanemense Cobra Norato, de Carlos Lacerda (também dono da Nova Fronteira), ficou para quatro meses depois, mas confirmou que o novo dicionário nascia popular. Aurélio era bem relacionado e seus amigos estavam todos lá - inclusive os mais avessos a eventos sociais, como o

poeta Carlos Drummond de Andrade. O sucesso do livro foi imediato.

Até o fim do século, o dicionário não pararia mais de vender. A relativa simplicidade de suas definições e abonações literárias - colhidas mais de autores brasileiros recentes do que de velhos clássicos - contribuiu para que ele caísse no gosto do público, que nunca deu ouvidos aos rumores eventuais de falta de rigor lexicográfico que circulavam nos meios especializados. **Continua na página seguinte**

Carlos Monteiro (imagem de fundo) e divulgação

A parte os méritos do produto, a principal razão para o sucesso excepcional do Aurélio parece se inscrever no arco amplo da história da cultura brasileira. Em 1975, o país achou que já passava da hora de ter o seu grande dicionário. Hoje isso pode soar estranho, mas há meio século a lexicografia nacional ainda não atingira a maioridade.

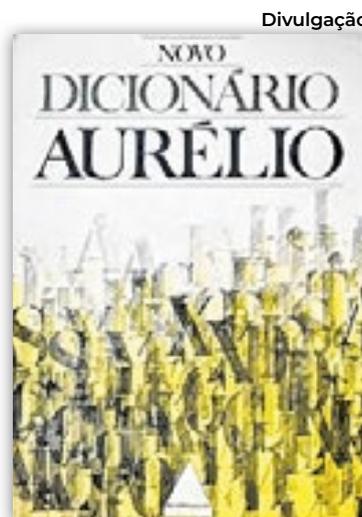
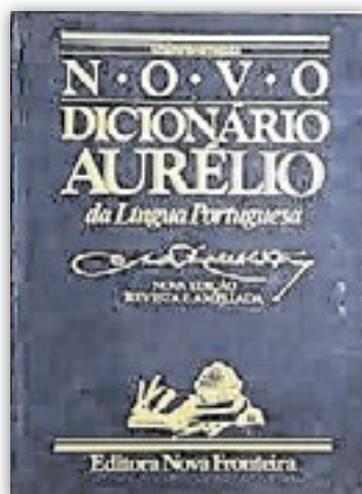
A língua não se chamava português? Que se importassem de além-mar nossos dicionários. O Brasil já era independente havia três décadas quando, em 1853, em tom de pedido de desculpas, o lexicógrafo Brás da Costa Rubim lançou o “Vocabulário Brasileiro para Servir de Complemento aos Dicionários da Língua Portuguesa”.

A mentalidade colonizada começou a mudar no início do século 20, mas o processo era lento. Não faltava ambição ao “Grande e Novíssimo Dicionário da Língua Portuguesa” (1944), de Laudelino Freire, por exemplo, mas seu estilo era erudito demais. O Aurélio conversava com um novo país - um país que tinha mercado de massa e uma população cada vez mais urbana e educada.

Quando morreu, aos 78 anos em 1989, o homem por trás do mais famoso dicionário brasileiro não tinha nenhum motivo para duvidar da perenidade de sua obra. Mesmo a longa disputa judicial com seus antigos colaboradores, tendo à frente o jornalista Joaquim Campelo, estava apenas no início.

Em 2015, o Supremo Tribunal Federal daria a vitória final aos herdeiros de Aurélio, mas vale lembrar a história de sua parceria apaixonada - e posteriormente desfeita de modo não menos apaixonado - com Campelo, contada em detalhes no livro “Por Trás das Palavras”, de Cezar Motta, lançado em 2020 pela editora Máquina de Livros.

Sem Campelo, intelectual maranhense da geração de José Sarney e Ferreira Gullar, muita gente acredita que nunca teria nascido o dicionário agora cinqüentão. Era ele o disciplinado,



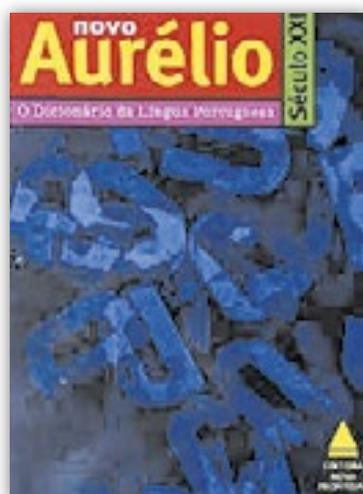
Divulgação

Um dicionário que conversava com um novo país

Acervo pessoal



Aurélio Buarque de Holanda e Marina Baird, uma de suas mais fiéis colaboradoras na produção e atualização do dicionário



o estoico, o caxias que, numa empreitada de tanto fôlego, contrabalançava a charmosa inconstância boêmia de Aurélio, com seus bolsos sempre cheios de pa-

peizinhos onde anotava palavras e definições.

Aurélio teve a felicidade de não ver as vendas de dicionários de papel começarem a despencar,

há mais de 20 anos. Além do fato de que buscar verbetes numa tela é incomparavelmente mais fácil e rápido, há a vantagem de que um acervo digital pode ser atualizado

permanentemente.

Tinha chegado a hora de reinventar os grandes dicionários como produtos. O Oxford e outros passaram a fechar seu conteúdo para assinantes - não sem criar sites gratuitos e atraentes com “palavras do dia”, joguinhos e outras curiosidades. O Merriam-Webster e o Cambridge optaram pela gratuidade da consulta ampla de definições, exemplos e etimologia, reservando apenas os recursos mais avançados aos pagantes.

O grupo Positivo, de Curitiba, que detém há 22 anos o passe do dicionário nascido carioca, sempre pareceu mais interessado em disponibilizar o Aurélio aos clientes de seus computadores e sua rede de ensino do que ao público em geral. A empresa não divulga números de vendas.

“Os aplicativos bancários substituem a ida ao banco, os aplicativos de comunicação substituem as ligações telefônicas. A consulta a um verbete, da mesma forma, pode ser realizada em um suporte digital simples e eficaz, em vez de em um dicionário impresso pesado e difícil de ser carregado”, disse Sue Ellen Halmenschlager, editora responsável por dicionários na Positivo, em 2019.

Também pagos, acessos por app - e por um plug-in do Google Chrome chamado “Aureliar!”, removido do navegador em 2022 - não puderam evitar que, num mundo que adora a gratuidade, o Aurélio fosse encolhendo na paisagem.

Como o Houaiss, que também tem modelo pago, o dicionário número um do mercado brasileiro acabou superado por buscas avulsas no Google ou, nos casos em que é necessário maior rigor, por modelos gratuitos como o do Dicio e o do Aulete. O português Priberam, que também dispensa paywall, foi outro cuja presença cresceu no período.

Seja como for, o prestígio acumulado em sua primeira fase parece suficiente para manter, pelo menos por algum tempo ainda, o substantivo comum “aurélio” como sinônimo de dicionário na lín

Divulgação



Autor de 'Paulicéia Desvairada', Mário de Andrade (1893-1945) é analisado em 'O Turista Aprendiz' sem as rédeas do documentário ou da ficção pelo realizador Murilo Salles

Mário desvairado

Realizador de cults 'Como Nascerem Os Anjos', Murilo Salles revista um pilar da literatura num diálogo de invenção radical com 'O Turista Aprendiz'

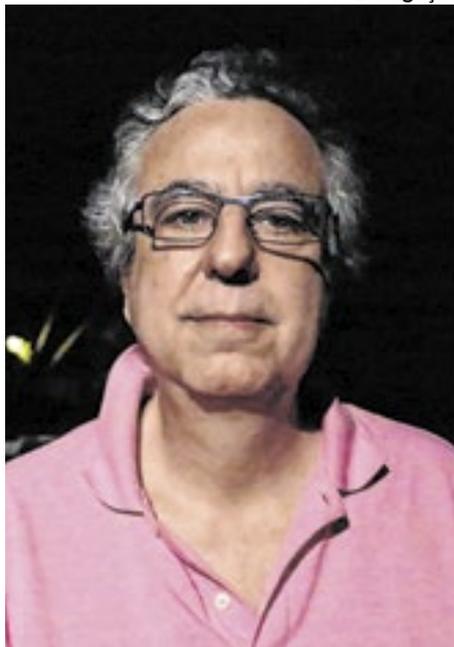
Por **Rodrigo Fonseca**

Especial para o Correio da Manhã

Sem bater cabeça para a Semana de Arte Moderna de 1922 e às molduras modernista, num exercício crítico radical, "Mário de Andrade, O Turista Aprendiz", o novo filme de Murilo Salles, escava espaços inauditos da literatura (na prosa, na poesia e no ensaio) de prosa com um autor que soube criar e demolir cânones (da cultura) em igual medida.

Abraçado à invenção, o realizador de "Nunca Fomos Tão Felizes" (1984) passeia pelas anotações do inquieto bardo paulis-

Divulgação



tano (nascido em 1893 e morto em 1945) com base em sua visita ao rio Amazonas, em 1927, anterior à criação de "Macunaíma". Um ensaio cinematográfico estonteante sai desse confronto da imagem com a prosa, num processo de edição sofisticado, batizado em relação a um livro vetorizado por andanças e descobertas.

A partir de questões levantadas por e-mail pelo Correio da Manhã, Murilo explica:

"Mário de Andrade, o turista aprendiz é o nome do filme. Porquê? É Mário de Andrade que 'sonorizo' na tela com as forças de toda sua grandeza. Foi o que me fez decidir pelo incrível ator Rodrigo Mercadante. Ele tem alma andradina. Rodrigo e sua voz dão 'corpo' na alma de Mário, que encorpa a grandeza do texto e da inteligência. É um filme onde se percebe essa incorporação. Um transe. Sem precisar de atabaques. Rodrigo musicou o texto do Mário e o canta, lindamente. Virou parceiro de Mário no filme. E me restou correr atrás do como representar imagetivamente os textos. Mas é Mário que rege".

Laureado em festivais como os de Gramado e do Rio por longas como "Nome Próprio" (2007), "Os Fins e Os Meios" (2014) e "Uma Baía" (2021), Murilo conta que seu "O Turista Aprendiz" é fruto de um ritual imersivo na literatura, onde a presença do autor se fazia notar em suas provocações literárias.

"Tive a sorte de conviver com Mário por uns quatro anos, trancado na Biblioteca do IMPA, no Rio. Meses seguidos. Meu exemplar do 'Turista' virou um assombro! E tive a sorte de compartilhar minhas inquietações com Eduardo Jardim. Sim, autor de 'Eu sou trezentos', e com Mário, no ensaio 'O Movimento Modernista', proferido no Rio de Janeiro em 1942, por ocasião dos 20 anos da

Semana. Pude perceber os tormentos com 'Macunaíma e outros.' Mário de Andrade, ele, o turista aprendiz".

Um dos fotógrafos mais aclamados do cinema nacional nos anos 1970 e 80, com sucessos do porte de "Dona Flor e Seus Dois Maridos" (1976) e "Eu Te Amo" (1981) em seu currículo, Murilo revisita seu estudo do legado de Mário sob a ótica da sinestesia.

"Aí entra em cena a minha cabeça regada por filmes, por imagens, pelas cores de minha mãe aquarelista, pelas referências viajando nas paredes dos museus, cheias de formas, luzes, rostos, corpos, pingos de cor, de cores que saem uma de dentro da outra, numa mágica perto do divino. Impressões que ficam vivas pipocando até serem degustadas.

E aí, valem as misturas, as camadas, de som, de cinema, de ficção e de documentário, tudo junto ao mesmo tempo. Mas, acima de tudo, uma busca incessante pela paixão: o cinema", diz o diretor de "Como Nascerem os Anjos" (1996). "Aos 37 minutos do filme Mário fala da dificuldade de se encontrar palavras que descrevam sensações tais como beleza, êxtase, sublime... Ele acha que essas palavras ficam aquém do experimento sensorial. E aí ele inventa Deleuze, dizendo que talvez seja necessário um tipo de experimentação da imersão cinematográfica com destaque para o pensamento da imagem e do som. Olhem bem o que disse em 1927 (ou em 42?). O que fazer? Obedecer. Obedecer tanto ao plano da imagem, mas num filme tão sonoro, pelo seu som. Pois ruídos, rangeres, o piado, ventos, insetos, suspiros, animais, enfim, emitindo sons que passam a ser composições. Concordo que música não é específica ao cinema. Música é música. Acho que cinema que pensa o som, não precisa de música. Fui descobrir isso com a música composta por Sacha Amback para o letreiro final de 'O Fim e Os Meios'. Depois, isso ficou muito claro em 'Uma Baía'. Pés andando na rua viram música".

Projeções em eventos como o festival Olhar de Cinema de Curitiba e a Mostra de São Paulo coroaram "Mário de Andrade, O Turista Aprendiz" com adjetivos por suas destrezas técnicas (e estéticas) diversas, sobretudo sua engenharia de montagem. "Esse filme é fruto de uma grande felicidade de encontros! De uma fiel e tenaz equipe, de uma competência criativa incrível da rapaziada da finalização, do elenco, dos figurinos, dos cenários, do visagismo. E da edição de som. Também a necessária parceria de anos como Jair de Souza. E de Rodrigo Mercadante/Mário de Andrade. Mário está nas telas graças ao milagre generoso dessa turma".

Por **Rodrigo Fonseca**

Especial para o Correio da Manhã

De acordo com notícias veiculadas no Natal passado, Oliver Stone está remexendo no corte final de “Lula”, documentário que rodou em dupla com Rob Wilson e teve sua estreia há cerca de um ano no Festival de Cannes. Fala-se em questões de direito de imagem e em ajustes finos de edição, envolvendo sequências que necessitam de autorização vinda do próprio Palácio do Planalto. O fato é: desde sua exibição no Festival de Busan, na Coreia do Sul, em outubro, o longa-metragem sobre o presidente do Brasil sumiu do radar.

Aos 78 anos, dono de três Oscars, Stone hoje trabalha numa nova ficção, o thriller “White Lies”, regressando a um formato do qual está afastado desde 2012, quando lançou “Selvagens”, um fracasso de bilheteria com John Travolta. Desde então, só fez .docs, sendo o retrato audiovisual sobre Luiz Inácio Lula da Silva o mais badalado de todos. Sua dramaturgia cartografa todo o histórico democrático do político pernambucano desde seu primeiro mandato como líder sindical, nos anos 1960.

Apoiado numa série de imagens de arquivo dos noticiários da TV Globo e da Globo News, “Lula” recebeu uma ovação em Cannes, com quatro minutos de aplausos calorosos, enquanto disputava o troféu L’Oeil d’Or. Ao fim da projeção, gritos de “Olé! Olé! Olé! Olá! Lula, Lula!” varreram o Palais des Festivals, na Croisette.

Diretor de sucessos de público e crítica como “Platoon” (1986) e “Nascido em 4 de Julho” (1989), Stone é um estudioso da política latino-americana. Embrenhou-se por esse universo desde que filmou “Salvador: O Martírio de um Povo” (1986), com James Woods, no México.

Logo após o sucesso de bilheteria “Um Domingo Qualquer” (1999), com Al Pacino, ele liberou sua verve documentarista e passou a realizar uma série de longas sobre os líderes deste continente, a começar por “Comandante”, sobre



Oliver Stone e Lula durante a fase de pesquisas para a produção do documentário

Onde está ‘Lula’, o filme?

Quase um ano depois de sua passagem por Cannes, documentário de Oliver Stone sobre o presidente brasileiro sumiu do horizonte

Fidel Castro (1926-2016) e a Cuba revolucionária. Passou a se especializar, a partir dali, em filmes sobre grandes líderes do continente que teve colonização ibérica. São longas-metragens calcados em grandes conversações, num dispositivo de parlatório, e ilustrados por imagens de arquivo, numa estética conservadora, mas funcional. O que faz são perfis, quase sempre moderados por um olhar retórico no qual defende a grandeza épica das suas personagens.

“Este filme é sobre uma pessoa muito especial. Um dos poucos líderes políticos que vieram da classe operária. Alguém que lutou muito para estar onde está”, disse Stone ao apresentar “Lula”, em Cannes.

No filme, Stone e Wilson resgatam detalhes da Operação Lava-Jato e das articulações do juiz Sérgio Moro e do ex-presidente Jair Bolsonaro. A fotografia de João Atala e Lucas Fuica refina plasticamente este ensaio sobre a perseverança de um estadista que vem da classe



Divulgação

O presidente Lula em depoimento ao diretor Oliver Stone em documentário sobre sua trajetória

operária. Para olhares brasileiros, a produção promove um inventário de cicatrizes recentes, esmiuçando com minúcia as situações envolvendo a carreira de Lula como presidente de 2003 a 2010 e a sua eleição mais recente, em 2022.

Para olhares estrangeiros, trata-se de uma aula de História delicada e paciente, que vai e volta em questões que envolvem o jogo de corrupções na chamada Operação Lava-Jato. Stone destina 75% da narrativa a tramitações dessa investigação que mobilizou a Polícia Federal. A montagem a seis mãos de Alexis Chavez, Mark Franks e Kurt Mattila assegura um tônus eletrizante a esse recorte, digno de um suspense.

Antes de se debruçar sobre a Lava-Jato, Stone faz uma radiografia da trajetória de Lula a partir da infância pobre em Pernambuco até chegar ao seu histórico de mi-

lância sindical no ABC Paulista. “Para um pobre, um dólar tem muito valor. Com 1 dólar ele não vai comprar ações, vai comprar comida”, diz Lula no filme, ao avaliar a relação do Brasil com os Estados Unidos que, segundo ele, foi mais dura nos tempos de Obama do que na gestão George W. Bush – tema do filme “W.” (2008), de Stone, em Josh Brolin.

O encontro do cineasta com Lula aconteceu pouco antes de ele ser eleito, em 2022, quando Bolsonaro ainda estava no país. Um dos entrevistados que desarticulam o ethos bolsonarista do Brasil é o jornalista americano Glenn Greenwald, num debate sobre a cobertura nem sempre isenta da imprensa. Nesse aspecto, “Lula” abre um rico debate sobre dialética nos discursos sobre o Poder. Era de se esperar de um (bom) filme de Stone.

A memória que não pode se calar

Documentário 'Eunice, Clarice, Thereza', com depoimentos de viúvas de vítimas da ditadura militar, é restaurado em tecnologia 2k

Por **Affonso Nunes**

O sucesso de “Ainda Estou Aqui” joga luz sobre momentos dramáticos da vida brasileira que são esmiuçados no documentário “Eunice, Clarice, Thereza” (1979), dirigido por Joatan Vilela Berbel. O curta-metragem acaba de ser restaurado em 2K pelo Cinelimito, sob supervisão do diretor, a partir de uma cópia preservada no Arquivo Nacional. Disponível gratuitamente no site da plataforma até 7 de abril, o filme reúne os depoimentos de três mulheres cujos maridos foram mortos pela ditadura militar: Eunice Paiva, Clarice Herzog e Thereza Fiel.

Eunice relembra sua vida no Rio de Janeiro

antes do sequestro de Rubens Paiva e os 12 dias em que ficou presa pelo regime. Clarice e Thereza compartilham suas próprias memórias sobre Vladimir Herzog e Manoel Fiel, vítimas da repressão. Lançado em plena ditadura, o documentário escapou da censura sendo exibido em sindicatos, cineclubes e espaços ligados ao ativismo.

O canal do YouTube do Cinelimito também publicou uma entrevista com Berbel, detalhando o processo de produção do curta.

Quase meio século depois, a trajetória de Eunice e Rubens voltou ao centro das atenções com o lançamento de “Ainda Estou Aqui”. Dirigido por Walter Salles e baseado no livro de Marcelo Rubens Paiva, o longa conquistou o primeiro Oscar da história do cinema brasileiro no início



Eunice Paiva, viúva do ex-deputado Rubens Paiva, em cena do documentário 'Eunice, Clarice, Thereza', de Joatan Vilela Berbel

Reprodução YouTube

Reprodução YouTube



Clarice, viúva de Vladimir Herzog



Thereza, viúva de Manoel Fiel

do mês. Protagonizado por Fernanda Torres, Selton Mello e Fernanda Montenegro, o filme teve três indicações ao prêmio da

Academia e já foi visto por quase 6 milhões, torando-se uma das maiores bilheteiras de filmes brasileiros deste século.

'Homem com H' em contagem regressiva

Produção da cinebiografia de Ney Matogrosso divulga cartaz oficial do filme que chega aos cinemas em 1º de maio

A Paris Filmes divulgou nesta terça-feira (25) o cartaz oficial de “Homem com H”, cinebiografia que retrata a trajetória de Ney Matogrosso. Com roteiro e direção de Esmir Filho, o longa percorre a vida do artista desde

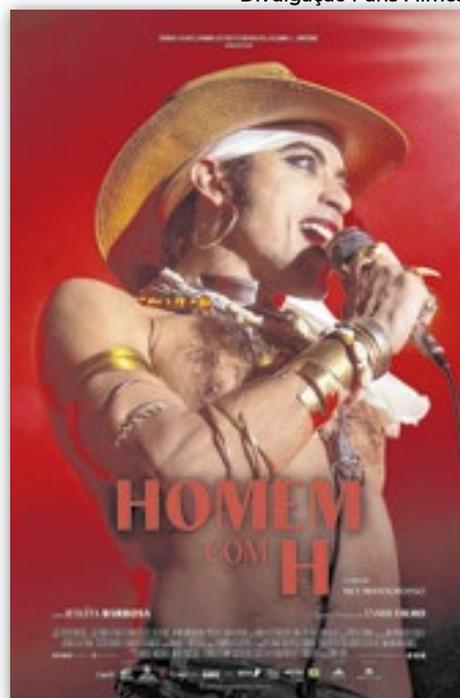


Imagem do cartaz oficial do filme 'Homem com H', estrelado por Jesuíta Barbosa

Divulgação Paris Filmes

a infância, explorando sua intensidade e singularidade. A imagem do pôster recria uma cena da turnê “Bandido”, de 1976. Protagonizado por Jesuíta Barbosa, o filme chega aos cinemas em 1º de maio.

Nascido em Bela Vista (MS), Ney cresceu em um ambiente familiar rígido, enfrentando constantes embates com o pai (Rômulo Braga), que esperava que o filho seguisse um caminho convencional. O conflito o levou a se afastar da família e a buscar sua identidade no meio artístico. Em São Paulo, tornou-se vocalista dos Secos & Molhados ao lado de João Ricardo (Mauro Soares) e Gerson Conrad (Jeff Lyrio), iniciando uma jornada marcada por performances ousadas e marcantes e que o consolidariam como um dos maiores nomes da MPB.

O longa também aborda as relações afetivas do cantor, incluindo sua paixão por Cazuzza (Jullio Reis) e sua longa parceria com Marco de Maria (Bruno Montaleone). O elenco conta ainda com Hermila Guedes

(Beíta, mãe de Ney), Carol Abras (Lara), Lara Tremoroux (Regina) e a cantora Céu no papel de Elvira Pagã.

Ao retratar a ditadura militar, “Homem com H” destaca a resistência do artista diante de uma sociedade opressora. Ney desafiou padrões, quebrou barreiras e construiu uma estética única. No filme, Jesuíta Barbosa aparece com figurinos de inspiração animal, maquiagens evocando o Kabuki e a presença cênica arrebatadora que marcaram a carreira do cantor.

A trilha sonora passeia por clássicos como “Rosa de Hiroshima”, “Sangue Latino”, “O Vira”, “Bandido Corazón”, “Postal de Amor”, “Não Existe Pecado ao Sul do Equador” e “Encantado”, além da faixa-título. Ney Matogrosso não apenas revolucionou a música brasileira, mas também se tornou um símbolo de liberdade e autenticidade, inspirando gerações com sua atitude provocadora e inesquecível presença no palco. (A.N.)

Samuel Rosa

lança 1º clipe de faixa de seu álbum solo

Inspirado no movimento das águas, o audiovisual de 'Rio Dentro do Mar' pode ser visto no canal do artista no YouTube

Por **Affonso Nunes**

Samuel Rosa lançou nesta terça-feira (25) o clipe da faixa "Rio Dentro do Mar", primeira produção audiovisual do álbum "Rosa". O vídeo tem direção e atuação de Letícia Ribeiro, que contracenou com Samuel, e foi produzido pela Cave, e pode ser visto no link https://youtu.be/F_bNm_l7II.

Composta em 2022, a faixa surgiu da observação de Samuel sobre o mar e suas correntes enquanto passava mais tempo no litoral paulista. A imagem de "rios dentro do mar" inspirou a composição e também guiou o conceito do clipe.

Letícia aproveitou essa metáfora para construir a narrativa visual. "A canção já é muito ima-

Felipe Castelani/Divulgação



Samuel Rosa em cena do clipe de 'Rio Dentro do Mar'

gética, então traduzir esse sentimento em imagens foi mais intuitivo do que eu imaginava. Ela me remete a tons quentes e às texturas de materiais acústicos, como papel, papelão e madeira", explica.

Acostumado ao universo dos videoclipes, Samuel confiou à Letícia a condução criativa do projeto. "Ela trouxe ideias que dialogam diretamente com a proposta da música. Eu queria que o clipe tivesse a identidade dela. Gostei da forma como ela trabalhou os contrastes entre luz e sombra, presença e ausência", comenta o ex-Skank. Além da direção, Letícia aceitou o convite para atuar ao lado do cantor, tornando-se parte essencial da narrativa.

O vídeo se desenrola em espelhamentos entre os personagens de Samuel e Letícia, revelando cenários e a história gradualmente. A edição acompanha a dinâmica da música, crescendo em intensidade até um desfecho que transmite a sensação de encerramento e paz.

UNIVERSO SINGLE

POR AFFONSO NUNES

Esperança e fé

A cantora e compositora Bia Mar, presença constante nos palcos do Maranhão, levou seu sucesso para o Rio, tornando-se destaque na cena do samba carioca. A artista acaba de lançar o videoclipe de "Porta da Fé", que marca uma nova fase musical. A faixa celebra esperança e espiritualidade, traduzida em uma melodia envolvente que mistura samba e elementos do Axé, refletindo a essência da artista. Sua letra exalta a força da fé como um caminho para superar desafios, a música transmite uma mensagem positiva e de resistência.

Alexandre Rodrigues/Divulgação



Vini Lima/Divulgação



Positividade sempre

A banda Good Vibe lança nesta sexta (28) o single "Além do Céu" após dois anos sem inéditas. A faixa traz uma mensagem sobre simplicidade e transformação e reflete a experiência do vocalista Lucas Good Vibe, que deixou Mariana (MG) para viver em São Paulo, um contraste que inspirou a letra. "O refrão diz: 'vou além do céu, além do Sol, além do som'. Naquele momento, eu sentia que estava indo além do que um dia imaginei para mim, impulsionado pela música", conta o artista. Independente, a banda mantém o compromisso com um reggae autêntico.

Sérgio Santoian/Divulgação



Dependência afetiva

Bruno Gadiol lança nesta quinta (27) a inédita "Tóxico", faixa que integra seu próximo álbum, "Gêmeos em Gêmeos". A canção aborda as complexidades das relações emocionais, explorando o desafio de se desvencilhar de um vínculo prejudicial, mas irresistível. Apesar de tratar de um tema doloroso, a música combina uma letra intensa com um ritmo animado, refletindo o contraste entre a percepção do amor e a dependência emocional, como explica o próprio cantor. Dirigido por Bruno, o clipe traz uma estética realista ao retratar uma noite de excessos e conflitos internos.



Por **Cláudia Chaves**

Especial para o Correio da Manhã

O Festival de Curitiba é um dos eventos mais emblemáticos das artes cênicas no Brasil, reunindo anualmente uma diversidade de espetáculos que enriquecem a cena cultural da cidade. Na sua 33ª edição, que vai de 24 de março a 6 de abril, o festival apresenta uma programação vibrante, incluindo a Mostra Lúcia Camargo, Risorama, Gastronômix, Guritiba, Mostra Fringe e MishMash.

Este evento não só destaca a importância do teatro nacional e internacional, mas também impulsiona a economia local ao atrair turistas e promover a interação entre artistas e o público. Com mais de 350 atrações em mais de 70 espaços de Curitiba e Região Metropolitana, o festival oferece uma experiência cultural única para todos os participantes.

Há todas as formas de artes performativas: circo, fantoches, dança, rua e espaços nobres e públicos. Acontecem também, dança, humor, música, oficinas, performances e gastronomia. Com importância acontecem oficinas práticas de direção, formatação de projetos, defesa de teses de doutorado. Uma programação só de mulheres na alfabetização, mesas de discussões, entre outras ações.

A abertura aconteceu no Teatro Positivo, A noite especial foi marcada pela apresentação de “Os Mambembes”, de Arthur Azevedo, um dois pais do teatro brasileiro. É um musical delicioso que nos transporta para o mundo vibrante do teatro itinerante. Escrito pelo mestre da comédia do século 19, a peça celebra a paixão dos artistas que viajam pelo Brasil levando cultura e alegria. Entre muitas peripécias, encontros inesperados e críticas sociais disfarçadas de humor, o espe-



‘Os Mambembes’, de Arthur Azevedo, abriu a programação do Festival de Curitiba

Todos os teatros do mundo num só lugar

Lina Sumizono/Divulgação



O clima do festival toma conta de Curitiba que, mais uma vez, é a capital nacional do teatro

Curitiba respira artes cênicas em mais uma edição de seu tradicional festival

táculo mostra os desafios e sonhos de uma trupe teatral. Com música, romance e gargalhadas garantidas.

No palco, um elenco de peso: Cláudia Abreu, Deborah Evelyn, Julia Lemmert, Leandro Santana, Orã Figueiredo e Paulo Betti, acompanhados pelo músico Caio Padilha, dão vida à história que celebra a paixão pelo teatro e os desafios da cena cultural brasileira.

Sob a direção de Emílio de Mello e Gustavo Guenzburger, a peça reinventa a clássica comédia de Artur Azevedo, trazendo uma

encenação contemporânea e dinâmica. A direção de Emílio Dantas condensou em 6 personagens de um original de 60, com mobilidade e mantendo o espírito original. A montagem estreou em novembro de 2024 e, em apenas dez apresentações, atraiu mais de 18 mil espectadores, muitos dos quais tiveram sua primeira experiência no teatro.

Este ano, o Festival de Curitiba bateu recorde de espetáculos com ingressos esgotados da Mostra Lucia Camargo logo na primeira semana de abertura da bilheteria. Mas ainda há entradas para alguns espetáculos. “Sentimos que este ano houve um grande interesse do público em geral pelos espetáculos da Mostra Lucia Camargo. Podemos dizer que é a edição mais movimentada no pós-pandemia. Pela qualidade das peças tenho certeza de que ninguém ficará decepcionado”, afirma Knopfholz.

SERVIÇO

33º FESTIVAL DE TEATRO DE CURITIBA

Até 6/4 | Programação completa: <https://encr.pw/1pAcQ>

'Há uma importância cada vez mais urgente da sabedoria ancestral'

Divulgação

Por Pedro Sobreiro

Em 2024, o desabafo de Angel Ferreira sobre a falta de público de seu monólogo "Sidarta" comoveu os cariocas. O vídeo viralizou nas redes sociais e deu uma 'acordada' em parte do público que passou a olhar com mais carinho para o teatro. O vídeo deu resultado e acabou com uma reta final de casa cheia para o monólogo que virou um dos grandes sucessos do último ano. Ao fim da temporada carioca, o ator levou o espetáculo para Goiás e agora retorna à cidade para uma nova temporada, desta vez no Teatro Poeirinha, em Botafogo.

Em entrevista ao Correio da Manhã, o ator comenta os aprendizados deste período com a peça baseada no livro "Sidarta", de Hermann Hesse, e retrata a trajetória do protagonista em sua busca interior, combinando narrador, personagens e interpretação.

"Sidarta" é inspirada no livro de Hermann Hesse. Como ela chegou a você?

Angel Ferreira: Eu tava numa confusão danada, como quase todo mundo, no começo da pandemia. Morando na Chapada dos Veadeiros, ouvindo o rio e sabendo em que fase a lua está. Queria um livro que me inspirasse a falar dessa reconexão com o mato, os bichos. Queria a saga da formação de um personagem que fosse inspirador a ponto de fazer sentido repeti-lo tantas e tantas noites como o teatro faz. Nisso encontrei essa obra infinita que me serve hoje como prática e oração.

No ano passado, você postou um desabafo sobre a falta de carinho do público com as produções teatrais. Felizmente, sua mensagem chegou às pessoas e a reta final da temporada de "Sidarta" no Rio foi marcada por muitos elogios e sessões lotadas. Como você avalia esse apreço – ou a falta de – do carioca pelo teatro?

Na verdade, como a gente passa horas na tela do celular, sinto que há uma importância cada vez mais urgente dessa sabedoria ancestral, dessa tecnologia humana simples, de se juntar pra contar e ouvir história. As pessoas,



SERVIÇO

SIDARTA

Teatro Poeirinha

(Rua São João

Batista, 104 -

Botafogo)

Até 27/4, de

quinta a sábado

(20h) e domingo

(19h)

Ingressos: R\$ 80 e

R\$ 40 (meia)

pós pandemia, pós fim do Ministério da Cultura e sua retomada, parecem cada vez mais conscientes do quanto esse ritual presencial, da comunhão do efêmero - que não é capturado pela memória de uma câmera - é um tipo de medicina. Ir ao teatro, pra mim, sempre representou uma espécie de cura e pertencimento, me ajudando a suportar o mistério de estar vivo aqui e agora. Mas ainda estamos encontrando novos lugares (páginas, blogs, perfis), muitos deles ótimos inclusive, que capilarizam a divulgação da agenda cultural, que antes ficava mais concentrada nos grandes veículos. É um momento que nos pede

maior atividade pra buscar e pesquisar o que rola na cidade.

O que poderia ser feito para mostrar que o teatro é uma arte para todos?

Precisamos de políticas públicas de incentivo, que possibilitem ingressos gratuitos, que oportunizem transportes que levem o público para os teatros, e que leve as peças pra todos os lugares que não tem ainda grupos locais. Mas o mais importante pra mim é tornar o teatro uma ferramenta de autoconhecimento, um direito a todes, desde a escola. Tornar as artes cênicas uma matéria

tão importante quanto matemática desde a infância. Para que tenhamos médicos, engenheiros ou dentistas mais sensíveis. Se todes tivéssemos feito teatro na escola, teríamos um mundo mais empático, menos bélico e mais livre espiritualmente.

Você sente que o ramo da arte suga a essência artística de atores e atrizes, que, por pressões financeiras, acabam encarando o ofício com um viés mais econômico do que efetivamente artístico?

Quando o artista tá lutando pra sobreviver: comer, morar, ter saúde, se transportar, se sentir seguro... vai ficar numa situação que pode ter que aceitar qualquer trabalho que surja. Quando a gente vê países que tem conseguido criar estrutura econômica cultural, que compreendem que o dinheiro investido em peças, filmes, séries e toda expressão artística dum lugar, traz dinheiro de volta pra sociedade, que gera emprego, renda, mais impostos, e percebe que esse dinheiro não é perdido: então os artistas também podem ser fiéis a suas pesquisas, partilhando com o mundo seus lampejos de percepção sensíveis, podem contribuir seguindo sua essência. Acredito nessa retomada que estamos vivendo e o cinema nacional nos mostrou claramente essa força.

Você recentemente se mudou para Goiás para seguir com seu processo de autodescoberta. O que te levou a embarcar nessa aventura? E como é voltar ao Rio para essa nova fase de "Sidarta"? Há alguma diferença entre o público carioca e goiano?

Tenho base também agora em Cavalcante no interior de Goiás, e quando estou lá sinto a potência da comunidade. Isso de passar na casa de uma amizade à tarde pra poder tomar café, pensar um novo projeto fazendo reunião indo daqui até ali de bicicleta, na rua de terra sem trânsito - lá é uma cidade que não tem semáforo - isso me anima e emociona. Voltar ao Rio é lembrar que no caos urbano também há beleza, e que na verdade fazer essa ponte entre modos de vida tão distintos, onde o tempo é sentido de outra forma, me provoca e inspira meu fazer. Me dá senso de realidade e evita que me aliene em outra bolha. Mas o público é parecido, a diferença é que na Chapada tem menos movimento de teatro, raras peças se apresentam... é trabalharmos pra formar plateia e criar hábito de ir ao teatro. O que compensa é que o público se sente imensamente grato com tudo que acontece lá. Abri a Casa Candeia de Cultura ano passado e tem sido uma grande aventura colaborar com a arte local.